

## COMO LIDAR COM SEU SINTOMA A QUARTA IDENTIFICAÇÃO

Jairo Gerbase

Vou retornar a um ponto essencial da aula anterior, da exposição de Alain Didier-Weil.

Vou partir do mesmo ponto de onde ele partiu, da pulsão invocante, porque considero que a pulsão da voz é a única que verdadeiramente faz juz ao termo pulsão, embora em outro lugar<sup>1</sup>, Lacan tenha dito que a pulsão escópica merece também esse estatuto, dado que o objeto olhar faz uma concorrência eminente ao objeto voz.

Como dizia Didier, em relação ao percurso de uma análise, pode-se imaginar um último tempo, um ponto terminal da pulsão, no qual o sujeito deve dar um salto, deve passar a um novo modo de gozo, não deve mais se contentar em estar separado do Outro pelo objeto  $a$ , deve proceder verdadeiramente uma tentativa de travessia da fantasia.

Ele não deixa de lembrar que em uma passagem no “Seminário XI”<sup>2</sup>, Lacan coloca a pergunta que seria a travessia, como a pulsão pode ser vivida depois do que seria a travessia da fantasia e responde que isso não é mais do domínio da análise, mas do além da análise.

Ele ainda aduziu que não devemos conceber o objeto  $a$ , nesse momento, como o objeto faltante, que esta é sua função no fenômeno da angústia, mas que aqui se trata de concebê-lo, de preferência, como o tampão da hiância, essa sim, a coisa verdadeiramente faltante no fala-ser, cuja notação é  $(S(A/))$  e que se articula ao  $(S_2)$  que Lacan nomeia de significante da *Urverdrängung*.

Por isso ele é levado a deduzir que o novo modo de gozo ao qual se tem acesso no final de uma análise, não é o mais-de-gozar, cujo referente seria o objeto  $a$ , mas um gozo extático, gozo da existência, cujo referente seria  $(S(A/))$ .

E finalmente conclui, que haveria um último tempo da análise, em que o sujeito chegaria a comemoração do ser inconsciente, alcançaria a comunhão com as faltas mais radicais que fundam a hiância do inconsciente, levaria o real como impossível à incandescência.

Nesse momento, diz Didier, a pulsão se detém, no mesmo sentido em que os músicos dizem que em certos momentos de reviravolta da música o tempo pára.

---

<sup>1</sup> No seminário “o sintoma”, na aula de 18 de novembro de 1975, onde se lê: “...as pulsões são o eco no corpo pelo fato de que há um dizer; mas para que esse dizer ressoe, para que consõe, termo do sintomadaquino, é preciso que o corpo lhe seja sensível. E na verdade ele o é. É porque o corpo tem alguns orifícios dos quais o mais importante, porque não pode se tapar, é o ouvido, que responde no corpo o que chamei de a voz. O embaraçoso é que seguramente não há somente o ouvido. O olhar lhe faz uma concorrência eminente”.

<sup>2</sup> “Há uma passagem no “Seminário XI”, bem antes de falar do problema do gozo do Outro, acerca do tema da pulsão e da sublimação, em que Lacan coloca a questão que seria a travessia, como a pulsão pode ser vivida depois do que seria a travessia da fantasia. E acrescenta que isso não é mais do domínio da análise, mas do além da análise”.